

# Revolução

OTELO CÃ PARA FORA

FASCISTAS LÃ PARA DENTRO



**Concentração nacional em Caxias  
no domingo, dia 31, às 14 horas**

**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO**

e a actualidade nacional

Porta-Voz do PARTIDO  
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO



# Revolução

## PORTO

### Os moradores e trabalhadores manifestam-se em defesa do processo Saal

No passado sábado, dia 23, pelas 16 horas, milhares de trabalhadores, homens mulheres e crianças exploradas, saíram à rua e debaixo de chuva, percorreram as principais artérias do Porto. Esta manifestação convocada pelo Conselho Revolucionário de Moradores, e com a adesão dos GDUP's, constituiu uma das mais fortes mobilizações do povo trabalhador após o 25 de Novembro.

O objectivo central da convocação, tal como refere o comunicado do C.R.M.P., era a defesa do processo SAAL que em todo o país tem sido boicotado pelo governo e pelas câmaras no atraso de expropriação de terreno. Assim como o corte de subsídios de construções nas zonas de habitação degradadas, ou seja, as medidas que o actual poder toma para com os trabalhadores que «não são bichos, mas sim seres humanos». Estando assim em causa o desemprego dos operários da construção civil ligados a este processo de construção e a impossibilidade de criação de novos postos de trabalho, «Para a frente com a construção».

A manifestação seria fundamentalmente apoiada por 35 Comissões e Associações de Moradores de dentro e fora da cidade. Houve no entanto outras organizações de trabalhadores que vieram apoiar a luta dos moradores pobres. Referimo-nos às centenas de moradores e mineiros que organizadamente «vieram à cidade» através do Centro Revolucionário Mineiro de S. Pedro da Cova. De igual modo fizeram os operários da Petrolal. O povo trabalhador que lançou esta jornada de luta está consciente da necessidade de unidade das classes trabalhadoras, para se afrontar com a burguesia,

demonstrando que já não embarca facilmente no engódo do «socialismo em liberdade e segurança» do Soares, Eanes e Ca. Lda..

Os trabalhadores deram, assim exemplo significativo, que mobilizando-se em torno dos seus problemas concretos e através das suas organizações de classe, saberão, com um projecto revolucionário, formar um forte e coeso Movimento de Unidade que sirva de alternativa ao poder da burguesia, do capital e do imperialismo. Mostraram também os trabalhadores que não têm medo de se confrontar com a burguesia, classe que os explora. Para o «Revolução», nesse dia de luta, foram bem significativas as palavras de um mineiro de S. Pedro da Cova que dizia na rua «**Cá a gente, devia ir ter com o aleijado do Veloso, eesse é um dos graúdos que quer ver a côr do nosso sangue**» que finalizou assim: «**Deviamos ir lá hoje mesmo, para ver como eral**». Com a mesma importância, um trabalhador socialista diria que «**só os que trabalham é que sabem o que será o Socialismo, os importantes do P.S. já deram provas que nunca o podem perceber, pertencem à burguesia!**» E tudo isto se passa neste país onde a recuperação capitalista é cada vez mais forte e é constante a ameaça do fascismo.



No Porto os moradores manifestaram-se por uma habitação digna

# Lê assina divulga Revolução

### PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO SEDES

SEDE CENTRAL — Rua Castilho n.º 70, Lisboa  
Tel. 573520/573640/573717/573670

JORNAL «REVOLUÇÃO» — Rua Castilho n.º 70, Lisboa  
Tel. 573520/573640/573717/573670

DELEGAÇÃO DO NORTE

Rua Álvares Cabral, 110, PORTO

LIVRARIAS REVOLUÇÃO

#### CABO RUIVO

Rua do Vale Férmoso de Lima, 127-A. Horário — das 12 às 14 h e das 16:30 às 24 horas.

#### ODIVELAS

Rua D. Nuno Álvares Pereira, 3-D. Horário — das 12 às 20 horas

#### ORG. REGIONAL DO NORTE

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110 Tel. 315759/315786

MATOSINHOS — Rua Conde de S. Salvador, 374 Tel. 931925

#### ORG. REGIONAL DO CENTRO

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, Tel. 22961

MARINHA GRANDE — Rua Marquês de Pombal, n.º 69

ARGEA — Tel. 92169

#### ORG. REGIONAL DE LISBOA

LISBOA — Av. da República, 40

ALGÉS — Rua Vitor Duarte Pedroso, n.º 15 - Algés de Cima Tel. 2100337

PARDE — Rua Gomes Freire de Andrade, 1 Tel. 2474142

#### ORG. REGIONAL DA MARGEM SUL

SETUBAL — Praça do Bocage, 3 Tel.: 26949

BARREIRO — Rua dr. Eusébio Leão, 31 Tel. 2076745

LAVRADIO — Rua dr. José Carcano Lobo, n.º 312

TORRÃO — Horta Seca

#### ORG. REGIONAL DOS ALENTEJOS

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, n.º 21 Tel. 24998

ALJUSTREL — Rua da Liberdade, n.º 13, Aljustrel

#### ORG. REGIONAL DO ALGARVE

FARO — Rua Reitor Teixeira Guedes, n.º 35 - Tel. 24107

LOULÉ — Av. José da Costa Meaia, n.º 39 - 1.º Tel. 63043

PORTIMÃO — Rua 5 de Outubro, 17

MONCHIQUE — Estrada da Folia, 9, Monchique,

VIANA DO CASTELO — Rua de Altamira, 102 Tel. 24320

BARCELOS — Av. Liberdade 60v/c Tel. 83099

SACAVEM — Largo 5 de Outubro N.º 16-17 Tel. 2512607

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, n.º 6 Tel. 939525

CACÉM — Rua de Paço de Arcos, lote 16

CÓVA DA PIEDADE — Estrada Nacional, n.º 40 Tel. 2763267

QUINTA DA LOMBA — Rua de Gra. 21-A

SINES — Rua Marquês de Pombal, n.º 86 Tel. 62880

BEJA — Rua Almandre Herculano, n.º 29 Tel. 24504

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

ESTOMBAR — Rua D. Pedro Galvão, 5

#### UNIVERSIDADE PROLETÁRIA

LISBOA — Av. 5 de Outubro Tel. 770017

# AS REUNIÕES DA DIREITA MILITAR...

As reuniões de militares têm-se vindo a avolumar e com elas as diligências a vários níveis com as especulações que daí resultam. Surgindo com uma aparência de movimentação de classes tentando obter a resolução de problemas profissionais relativos à sua situação actual, os grupos de oficiais se agitam no sentido de pressionarem (ou baterem?) o actual poder político-militar. Os oficiais do quadro especial proveniente de milicianos, e os oficiais saneados após o 25 de Abril.

## A OPERAÇÃO MALVEIRA

Na noite de 20 para 21 deste mês foi detectada uma reunião de cerca de 50 oficiais — especialmente capitães — afectos aos Q.E. tendo sido cercada a casa em que se encontravam reunidos o que levou à identificação imediata de 27 desses elementos. Para além de o facto de se não compreender a impunidade dos restantes oficiais presentes (ou naquele momento já ausentes), a opinião pública foi torpedeada com versões contraditórias sobre este acontecimento, através das notícias sensacionalistas que surgiram nos dias seguintes nos vários diários. Assim, enquanto alguma imprensa referia o paralelismo desta situação com a que antecederia o 25 de Abril e na qual os oficiais viam permanentemente coartado o direito de reunião, chegando a afirmar-se que as forças da EPI (Mafra) que os identificaram em Vila Franca do Rosário — Malveira — tinham ultrapassado a PIDE. Uma outra imprensa identificou-se com os pontos de vista posteriormente defendidos pelas autoridades militares competentes. Mas as contradições permanecem na clarificação deste caso. Assim, como se explica que, sabendo-se que outras reuniões de outro teor se verificaram recentemente, em várias capitais de distrito, só esta mereceu a intervenção das forças militares e a consequente publicidade — em todos os jornais?

Se, como dizem os atingidos a sua reunião era do conhecimento dos seus superiores hierárquicos, como explicar que o cor. Trindade, comandante da EPI e principal responsável na decisão de intervenção das forças militares não o soubesse? Ora isto não aconteceu relativamente à tal certa imprensa que se bateu, no dia seguinte, pela versão de que os militares foram vítimas de repressão ao «justo direito de reunião». Assim, esses órgãos de informação atacam o referido coronel TRINDADE (pessoa de máxima confiança de Vasco Lourenço), e o próprio governador da Região Militar de Lisboa, não o fazendo relativamente a Ramalho Eanes. Estaremos perante um escândalo publicitário premeditado com o objectivo de aparecer aos olhos do povo português como vítima e simultaneamente colocando-se ao lado da direita e extrema-direita militar e civil para atingir directamente o CR e particularmente os Conselheiros que mais directamente estiveram envolvidos na «agora repressão». Uma coisa é certa: as forças reaccionárias e os seus pasquins (o estatizado «Século» também cá está) esforçam-se por enquadrar estas movi-

mentações na sua tática de contestação do CR — particularmente aqueles que lá se encontram por inerência — de denegrir o processo de descolocação (propostas de condecoração do capitão Lino da Silva e ten.-cor. Magiolo Gouveia) e de reforçar o seu

poder militar o que se exprime neste caso no desejo de colocar alguns destes militares no Comando de Unidas. A tentativa de «apadrinhamento» deste movimento por parte de Pires Veloso e a militância activa que aí se faz sentir do capitão Varella, homem de mão de Spínola, levam-nos a esquecer a justeza das reivindicações destes militares que se vêm envolvidos nas próprias contradições de umas FA cujos chefes se esforçam para que não sejam revolucionários, libertadores do povo explorado e transformadores da Sociedade burguesa e capitalista — e que dessa forma não podem prescindir do seu carácter elitista e privilegiado, garante da manutenção da actual estrutura da sociedade portuguesa.

## OS SANEADOS DO POST-25 DE ABRIL

Entretanto, ter-se-ão verificado reuniões, por ramos dos quadros militares que foram afastados após o 25 de Abril de 1974.

Autodesignando-se como «MFA — vítimas do Gonçalvismo» têm-se vindo a organizar no sentido de obterem, por parte das autoridades, o direito de recurso, a exemplo do que se verificou com os funcionários públicos, cuja situação tem vindo a ser revista, com os resultados «favoráveis» que se conhecem. Assim, estes cães de guarda do Fascismo submeteram a apreciação de uma das últimas sessões do CR uma exposição, em que apresentavam a sua situação e requeriam a sua reintegração nos respectivos quadros dos três ramos das Forças Armadas.

Curiosamente, esta exposição quase teria a ausência daquele órgão, pois, o documento foi recusado pela escassa maioria de 2 votos (9 contra e 7 a favor) e mesmo assim, obtiveram a constituição de uma comissão presidida pelo coronel Charais para o exame dos «casos de mais flagrante injustiça...».

Ascendendo a 1068 o número de militares afastados, não deixa de ser significativo o à-vontade com que dezenas deles se reúnem parceladamente, por ramos, constituindo comissões e intercomissões, com toda a impunidade, sem que os seus superiores hierárquicos tomem uma posição firme de repúdio ou mesmo de sanção que as mesmas reuniões exigem (ou será que o R.D.M. não se aplica a estes?...). Note-se que estes encontros são considerados uma radicalização das posições dos melhores servidores de Salazar e Caetano, que, alegando com toda a desfaçatez, direitos que a Constituição lhes reconhece, tentam ameaçar o poder com outras atitudes colectivas mais eficientes para a resolução da sua actual situação.

Portanto, só nos resta esperar que a comissão constituída pelo CR, respeitando a Constituição (a de 1933 ou a de 1976?), analisando as «injustiças» praticadas sobre estas «vítimas» e esquecendo as vítimas que no passado estes homens provocaram, reintegrem mais uma dezena de fascistas nas «Forças Armadas Novas» como aliás já aconteceu com o capitão Robles e o famigerado Maltez, da Polícia de Choque, que, tranquilamente, frequentam o curso de capitães a decorrer actualmente na EPI — Mafra.

Não é verdade que após o 25 de Novembro a «democracia» se tem vindo a institucionalizar em Portugal?



Voltar ao fascismo, impor um regime de terror — é este o caminho que a direita militar quer percorrer



A hierarquia, a disciplina, o respeito-medo pelos grandes chefes, ou como os fascistas se impõem nos quartéis

e a actualidade nacional

• Aumentam os Transportes

• Aumenta a Carne

• Aumenta o Peixe

Para os trabalhadores, que no seu dia a dia de trabalho vão aumentando os lucros chorudos dos patrões, está já bem definido o que têm a esperar de mais este governo — o 1.º constitucional, o VII Provisório, o «Socialista em Liberdade».

Desde Agosto que Mário Soares está no poder e aquilo a que se tem assistido é de facto, a uma politica que nada tem a ver, com classes exploradas, que antes pelo contrário tudo tem feito para aumentar a exploração dos trabalhadores, dando o seu apoio ao capital deste País e ao Imperialismo.

**AUMENTO DO CUSTO DE VIDA**

De dia para dia, os trabalhadores sentem que os seus salários lhes fogem, que o pouco que ganham nem sequer o recebem, que o pouco que alguns recebem nem sequer lhes dá para comer.

E entretanto o Governo vai continuando a deixar aumentar, aumentos esses que só vão beneficiar quem explora.

Ainda há bem pouco tempo Soares dizia que os produtos de primeira necessidade não aumentariam, mas a realidade é que aquele mínimo indispensável à alimentação de um trabalhador — carne, peixe — para quem ganha o ordenado mínimo nacional não pode ter acesso a ele.

Claro que Soares ganha bem como 1.º Ministro.

Claro que os deputados ganham perto de 20.000\$00.

Mais claro ainda para os trabalha-

dores, a política de Soares quando ele apela às «austeridades». É fácil para ele...

**O AUMENTO DA REPRESSÃO**

Mas quando os trabalhadores se levantam contra estes aumentos, quando os trabalhadores se organizam e lutam por melhores condições de vida como neste momento se está a verificar de Norte a Sul do País, Soares levanta o dedo e a repressão cai sobre os trabalhadores. A GNR carrega e Soares e os seus agentes do Ministério dito do Trabalho difamam, e tem o descaramento de afirmar que os trabalhadores são os grandes culpados da situação actual da economia portuguesa, que os trabalhadores não querem trabalhar mas querem ganhar dinheiro...

O que é certo é que os trabalhadores com o seu esforço e a sua força de trabalho — e porque querem trabalhar senão não comem — conseguiram

• Aumenta a REPRESSÃO



É por ordem de Soares e Cia que as forças repressivas carregam sobre os trabalhadores



... mas para isso é necessário que os trabalhadores encontrem formas de organização para avançar contra os aumentos, como os mercados populares

ram manter empresas abandonadas pelos patrões, conseguiram manter os seus postos de trabalho. Mas eis que o governo de Soares acha que isto são empresas falidas e atira-os para o desemprego, ou então dá como alternativa a entrega ao patrão.

E ainda afirma Manuel Alegre que o seu governo não é um governo de recuperação capitalista...

No próximo dia 1, chega a vez dos transportes aumentarem. Novamente quem serão os afectados, são os trabalhadores pois são eles que utilizam os transportes públicos. «Os senhores» do Governo, os patrões, esses andam de Mercedes e «bocas de sapo».

A luta vai agudizar-se pois quanto mais os trabalhadores avançarem e lutarem contra estas medidas, mais a repressão aumentará.

Mas os trabalhadores não poderão recuar e ficar de braços cruzados, terão de avançar mais. A luta é pela sua sobrevivência.

**NÃO SE PODE PARAR, HÁ QUE AVANÇAR**

Parar neste momento, significa fazer como Cardia, que justifica a sua política reaccionária para tirar argumentos à direita. Parar neste momento significa o avançar cada vez mais da

direita em direcção ao fascismo.

Mas ainda há neste momento quem queira conciliar quem esteja disposto a ceder mais e mais... e nisso os reformistas do PC são senhores, e parecem estar mesmo dispostos a fazerem como Cardia — dão uns lugarzinhos no poder e isto corre tudo bem — será também para tirar argumentos à direita?

A questão fundamental que se põe sempre é a do Poder — quem o tem, quem o quer.

Quem o tem neste momento, sente que o está a perder, e por isso alia-se à direita pois é a direita que mais lhe convém. Para o PC que também quer estar no Poder, não há problemas e alia-se também, e essa mesma aliança que era só com o PS, vai já neste momento até ao PSD.

Mas os trabalhadores também querem o Poder e esse poder terá que ser exercido só por eles sem alianças, sem conciliações. Mas para isso há que prepararem-se, há que organizarem-se, há que unirem-se. E para se unirem e organizarem terá que ser nas lutas concretas do dia a dia — contra os aumentos, contra a repressão. E essa luta terá que ter um objectivo final — a tomada do Poder, única forma de os trabalhadores poderem ver os problemas que mais os afligem, resolvidos.

# DESPEDIMENTOS

## • (Re) solução do Conselho de Ministros

Sob o título «Resolução do Conselho de Ministros» saiu no «Diário da República» do dia 18 de Outubro mais um atentado às conquistas do pós-25 de Abril e ao direito ao trabalho.

Já a 7 de Julho, no conhecido Decreto 530/76 é escrito a certa altura que «durante o período necessário à execução do projecto de reconversão da empresa, poderá ser dispensado temporariamente o pessoal que for julgado desnecessário e reduzido o tempo de laboração da empresa»

Agora, já em Outubro, o Conselho de Ministros vem «resolver» mais uns pontos sobre a lei dos despedimentos até que um dia destes seja igualmente «resolvido» o despedimento sem justa causa, ou estaremos enganados?

Sendo assim, e para além de «instituir o controlo estrito nas ausências por doença, criando instrumentos ilegais para punir os trabalhadores (1) que prestem declarações falsas bem como os médicos e os enfermeiros que possibilitem as fraudes», o dito Conselho «resolveu»:

— Aprovar uma série de decretos-lei e de propostas de lei a apresentar à Assembleia da República, reguladoras das relações e condições de trabalho com incidência directa nas medidas económicas em curso e com o objectivo de permitir o reequilíbrio (1) financeiro e social das empresas.

— «Caracterizar e definir factos graves, verificados mediante averiguação sumária, que constituem justa causa de despedimento imediato, tais como:

— Recusa injustificada do cumprimento de ordens emanadas de autoridade legítima.

— Lesão física do património das empresas.

— Faltas injustificadas e repetidas com consequências graves para a empresa.

— Exercício de violências físicas, de sequestro de pessoas ou de retenção de bens.

— «Consagrar medidas legais por forma que os afastamentos dos trabalhadores de empresas sejam apreciados por tribunais de trabalho em processo expedito e não pelo ministro do Trabalho, como até ao presente».

— «Alterar parcialmente o decreto-lei que regula as relações colectivas de trabalho».

— Apresentar à Assembleia da República até 31 de Outubro, propostas de lei regulamentadoras do controlo de gestão, do exercício do direito de greve e do direito de associação sindical».

— «Regulamentar a participação das comissões de trabalhadores na elaboração e na execução dos contratos-programa».

— Criar uma comissão interministerial permanente (Trabalho, Plano, Assuntos Sociais e Administração Inter-

na) para se pronunciar sobre assuntos referentes à contratação colectiva.

Os alertas que há tempo dávamos, concretizam-se agora com decretos, despachos e demais manobras. Todas elas viradas directamente contra os trabalhadores e as suas conquistas. É um facto, agora, que a burguesia tem as suas armas apontadas para um alvo bem definido. É bem evidente que estas medidas, não são feitas para despedir os parasitas das empresas que ganham 20 ou 50 contos sem nada fazerem; estas medidas destinam-se directamente a dar cobertura a despedimentos de trabalhadores activistas que têm vindo a alertar os seus camaradas de trabalho contra o avanço do fascismo que têm incentivado a organização popular.

Por tudo isto, mais uma vez alerta camaradas. Mais golpes estão na forja, mais manobras se vão descobrir para isolar todos aqueles que possam fazer frente à burguesia e tornar cada vez mais insuportável e instável a situação de qualquer trabalhador. A burguesia, que o Conselho de Ministros muito bem tem representado sabe que um dos factores psicológicos importantes para exercer o seu poder é a instabilidade, a incerteza que pode fazer através dos seus gabinetes e de os seus ministros e perante isto os trabalhadores só têm uma resposta a dar, que é a sua organização, a sua consciente recusa a todos os poderes que não sejam o SEU

(1) — Sublinhado nosso.

## As últimas de



### A boa maneira Salazarista

No Porto os estudantes do 1.º ano decretaram greve à cadeira de bio-estatística. A greve foi bem sucedida, dado que por 4 vezes os professores tentaram fazer os exames mas sem êxito.

Cardia para resolver o assunto, emite nota oficiosa. Nela expulsa os alunos grevistas impedindo-os de continuar cursos médicos, para-médicos e afins; mas aos outros — aos furas — dá uma última oportunidade, a de se inscreverem no Governo Civil do Porto garantindo-lhes um exame «em liberdade e segurança». Será que os exames vão ser feitos nalgum quartel ou esquadra da Polícia...

### O ataque à autonomia das escolas e à gestão democrática continua

Tal como no ensino secundário, os ataques são agora extensivos ao ensino universitário. O critério é o mesmo, ainda que com outro palavrado dado que este teve que ser adaptado aos srs. drs. das Universidades. No fundo o que se passa é em tudo semelhante à colocação dos professores mediante as chamadas «habilitações próprias», e ainda a revisão dos «Currículos», o que quer dizer sem palavras bonitas, que Cardia está preocupado é com os programas de conteúdo Marxista.

Para ser posto em prática foram já nomeadas pelo MEIC. «Comissões Científicas Universitárias» (?) «que tem como função averiguar dos programas e das pessoas que poderão continuar nos lugares que ocupam.

Assim as medidas tomadas para a chamada «degradação do ensino», não são mais que nomear Comissões cuja ciência é a de censurar os programas, e sanear (mais) à esquerda.

### «A Europa (e os EUA) estão connosco», aliás com Cardia

A par dos ataques que Cardia faz às escolas vêm «os auxílios» imperialistas para ajudar na luta pela «degradação do ensino».

Agora «o auxílio», ou antes o investimento, é para a construção de escolas. Claro que os beneméritos garantiram já o controlo sobre a concretização desse plano ficando com o direito (?) de enviarem técnicos periodicamente para corrigir qualquer desvio ocasional que possa levar à «degradação» do plano imperialista.

A par da melhoria de condições para o investimento Imperialista há que garantir a mão de obra qualificada e submissa.

O projecto é completado com a já anteriormente divulgada oferta do Banco Mundial e subsídio para a construção da Faculdade de Pedagogia. A oferta é, obviamente, de subsídios e planos a que obedecerá esse ensino. O Imperialismo precisa também de professores bem treinados, e igualmente submissos, para «ensinar» os futuros operários.

# O GOVERNO FOI À MADEIRA

Com apupos a Soares e continências a Eanes decorreu a visita oficial do Governo de cá ao governo de lá, no último sábado para abrir (solenemente) a Assembleia Regional da Região Autónoma da Madeira.

Dizemos governos de cá e de lá, porque o discurso amistoso (próprio das aberturas solenes) do general Eanes contrastou com o tom de crítica directa do presidente da Assembleia Regional, Emanuel Rodrigues, que afirmou claramente não tolerar atitudes «infelizes como a que foi assumida ontem na Assembleia da República onde foi rejeitado um pedido da Assembleia Insular.

Isto depois do Presidente Eanes tecer louvores à Unidade Nacional... parece que o PPD madeirense acha um deslante a Assembleia da República não se submeter à Assembleia Regional que ele controla. A FLAMA manifestou-se durante esta visita dumã maneira deminuta; talvez porque

como cá o MDLP, encontre poiso suficiente no poder instituído...

De olhos e ouvidos postos no outro lado do Atlântico, os caciques do PPD impacientam-se.

Com estes caciques ao leme, a Madeira vaga rapidamente em direcção aos USA; contudo Soares vem de lá todo feliz: até acha normal os apupos que sofreu, visto «o PS ser minoritário nessa ilha».

Mas apesar da agressividade dos governadores e das suas claras intenções de entregarem de vez o arquipélago da Madeira e as vidas das suas populações nas mãos do Imperialismo, Eanes é peremptório: «autoridades madeirenses terão apoio governamental».



— Soares  
— Eanes aplaudido  
ou os desaires e alegrias das «minorias e das maiorias»

# OTELO ESTÁ EM CA

"Estive aqui em 26 de Abril  
para libertar OTELO

A prisão do general OTELO SARAIVA DE CARVALHO não significa só o avanço descarado das forças reacçãoárias e fascistas. A prisão de OTELO é a maior afronta aos trabalhadores e revolucionários deste país.

Há muito tempo que a reacção procura por todos os meios evitar o contacto de OTELO com os trabalhadores, o que só demonstra que a direita teme os trabalhadores, teme OTELO e teme-os sobretudo, quando se juntam.

Em nome de que legalidade se pode prender OTELO, quando é a direita quem quotidianamente atropela esta legalidade, ora fazendo reuniões clandestinas, ora colocando bomvas a torto e a direito, ora utilizando órgãos de comunicação social para propagandar ideias claramente fascistas, ora pondo em causa a Constituição, ora contestando o próprio Conselho da Revolução, etc., etc., etc.?

Os factos falam por si, enquanto OTELO volta a Caxias, os assassinos da PIDE são postos em liberdade, os fascistas como Spínola regressam, as investigações sobre a rede bombista prosseguem a passo de caracol e alguns bombistas são libertados, aparecem panfletos na Região Militar do Norte a anunciar os preparativos para uma manifestação de donas-de-casa à chilena, dirigentes sindicais são presos, começaram as desocupações de terra no Alentejo, a CAP barra impunemente estradas e ameaça ir mais longe, a Comissão de Trabalhadores das Oficinas Gerais de Material de Aeronáutica é dissolvida e os seus membros despedidos pelo próprio Moraes e Silva, regressam os fascistas saneados aos seus postos, os moradores pobres são desalojados à força, etc., etc.

Se a isto se juntar o aumento de preços dos produtos essenciais, o aumento do custo dos adubos e dos transportes, bem como as tentativas de congelamento dos salários, de dividir os trabalhadores e as fascistações do Ensino, forçado nos é constatar que a direita fascista e lacai do imperialismo só conhece uma legalidade: não olhar aos meios para alcançar os seus fins.

Hoje torna-se claro para todos qual o significado das balelas tais como: «liberdade em segurança», «socialismo lusiada», «socialismo em liberdade», «pluralismo», e outras que tais. Tudo isto são capas sob as quais se escondem as forças fascizantes e fascistas da burguesia e o imperialismo com o fito de apanhar desprevenidas as classes trabalhadoras para as voltar a sujeitar, de Norte a Sul, a miséria, à exploração e à brutal repressão fascista.

Para tal, para voltarem a sujeitar os milhões de portugueses ao saque e à rapina em favor da burguesia e do imperialismo, a reacção vende a independência nacional permitindo a continuação das bases militares da França e dos Estados Unidos nos Açores e da Alemanha em Beja e vai ao ponto de criar unidades terrestres, especiais sob o comando de oficiais da NATO em Tancos. E enquanto está OTELO proibido de dar um passo e

Vasco Gonçalves está compulsivamente na reserva, o embaixador Carlucci, representante da política imperialista que espalhou a fome, o terror e o sangue, no Chile, no Vietname, em Angola, na Coreia, no Médio Oriente e na Argentina, pode visitar impunemente unidades militares e passear-se de tanque como quem diz «aqui, quem manda sou eu». E, já agora, é verdade ou não que Pires Veloso estava implicado na rede bombista?

A liberdade em segurança que nos oferecem é a «liberdade» de trabalhador mais e ganhar menos enquanto o dcheiro é gasto em ordenados de oficiais, em tropas mercenárias, em salários de deputados e ministros, esmolas aos retornados e a comprar aquilo que o imperialismo nos diz para comparmos.

Camaradas:

É um facto que a direita fascista avança perante a cumplicidade dos sociais-democratas e a passividade dos reformistas. Mas o PRP chama a tenção para o exemplo que algumas lutas apontam, como foi o caso da prisão do estudante Fausto Cruz, como foi o caso dos professores contra a política reacçãoária do ministro Carreira, como foram os casos das lutas em várias empresas, na panificação e outras. A direita não pára e acaba, através da prisão de OTELO, de levar a cabo uma monstruosa provocação dirigida a todos os revolucionários, a todos os progressistas, a todos os trabalhadores. Parar é morrer. Por isso todos temos que encontrar formas de reagirmos a esta afronta, deixando bem claro que o fascismo não passará.

E se a provocação maior é a prisão de OTELO, é preciso termos bem presente que ela faz parte de um plano onde se inscrevem todas as outras medidas antioperárias acima referidas. Se é verdade que a direita prepara terreno para o golpe fascista e procura tomar o pulso nos revolucionários e aos trabalhadores, temos de nos lançar nesta luta de vida ou de morte, temos que marcar bem a nossa presença, a nossa força e a nossa determinação em não deixar mais espaço livre à reacção e em nos organizarmos, unidos e determinados, em torno do Movimento de Unidade Popular, dispostos a acabar de vez com o capitalismo e a ameaça fascista, e a tomar realidade a Revolução Socialista, única alternativa ao fascismo. Por isso, por todo o lado, de norte a sul do país, no Continente como nas ilhas, na cidade como nos campos, discutamos já as formas de luta a adoptar cerrando fileiras em torno de OTELO e do Movimento de Unidade Popular.

## CNPUP Liberdade incondicional para OteLO

A Comissão Nacional Provisória de Unidade Popular, deu uma conferência de Imprensa na qual tornou pública a sua posição acerca da prisão de OteLO.

«A prisão de OteLO Saraiva de Carvalho e o seu encerramento em Caxias, na antiga masmorra da PIDE e ao lado de meia dúzia de bombistas presos constitui uma grave provocação do poder militar ao povo trabalhador. Constitui uma grave e ameaçadora perspectiva para todos os democratas e antifascistas portugueses».

«OteLO é preso no momento em que os chefes militares dividem o país em feudos, no momento em que juizes militares declaram inconstitucional a própria Constituição no momento em que spinolistas manobram por trás de reivindicações dos oficiais «milicianos» do quadro no momento em que chefes militares reacçãoários conspiram contra o povo e contra a liberdade. É neste momento que o poder militar escolhe o seu alvo de repressão: «OteLO Saraiva de Carvalho o militar revolucionário que simboliza o 25 de Abril», Luis Mota afirmou estar-se a desencadear no País «uma grande onda de protesto popular pela prisão de um homem que colocou a sua vida e a sua acção ao serviço do povo trabalhador».

Mais adiante:

«Dirigimos um apelo à mobilização, independentemente do seu partido e da sua ideologia de todos os antifascistas. O que está em causa são as conquistas populares, as liberdades democráticas, a resistência ao fascismo e à repressão antipopular.

«O nosso objectivo deve ser claro: Liberdade incondicional para OteLO. Arrancar OteLO de Caxias, masmorra onde ontem foram torturados os antifascistas e onde hoje devem estar os que conspiram contra a liberdade. E

restituir OteLO à liberdade sem condições a que qualquer cidadão tem direito.

«Oitocentos mil portugueses votaram em OteLO quando ele foi candidato. Hoje quando o 25 de Abril está na cadeia não devemos exigir a mobilização dos 800.000 mas de todos os trabalhadores e antifascistas. Todos estamos em causa».

Manuel Salema advogado de OteLO viria a informar que foi entregue ao chefe do Estado-Maior do Exército, uma reclamação apresentada por OteLO, em que protesta contra a sua prisão, apelando ao mesmo tempo para ser abrangido pela amnistia inserida no decreto-lei que entrou em vigor no dia 23.

Foi também divulgado um texto-protesto, a ser posto a circular ao qual já deram o seu apoio várias individualidades e que transcrevemos: «A prisão do major OteLO Saraiva de Carvalho pelos motivos e nas circunstâncias em que foi efectuada (sobretudo o facto de a detenção ter lugar em Caxias) ultrapassa os meros aspectos de disciplina militar e atinge uma dimensão política. Ela representa um novo passo no caminho de ceder à pressão da direita reacçãoária um passo que mais encoraja no prosseguimento das suas tentativas para forçar o regresso a um regime autoritário e repressivo. Nestas condições a prisão do chefe militar do 25 de Abril o segundo candidato mais votado nas eleições para a presidência da República é um acto gravemente negativo e que exige reparação imediata: A Liberdade para OteLO Saraiva de Carvalho».

# CAXIAS

de 27 de Abril de 1974  
 "Pela libertação dos presos políticos"



## Pela libertação de OTELO manifestação em Lisboa

Otelo foi de novo preso. Desta vez o pretexto foi a sua participação na sessão pública realizada no último dia do 1.º Encontro Nacional dos G.D.U.P. A ordem de prisão foi-lhe dada pelo C.E.M.E. e do comunicado emitido dá-se conta da causa da detenção: um artigo do R.D.M. que proíbe aos militares tomarem posição pública contra a ordem e o poder estabelecido. Enfim «Pluralismo» destas «novas» Forças Armadas...

Portanto, enquanto se soltam os pides e os bombistas, Otelo vai passar 20 dias a Caxias, na cela ao lado de um dos últimos bombistas que lá restam; enquanto para um bombista sair em liberdade basta negar anteriores declarações incriminatórias, Otelo é preso por ter ousado participar numa festa pública. Coisas do «socialismo em liberdade»...

### A MANIFESTAÇÃO

Para a resposta daqueles que, em Junho passado, votaram em Otelo, votaram no seu programa de luta contra o fascismo pelo socialismo, não se fez tardar. Os milhares de assinaturas exigindo a sua libertação que chegaram à C.N.P.U.P., recolhidas a nível nacional pelos G.D.U.P.; as diversas moções de solidariedade com Otelo e de repúdio pela sua prisão emanadas dos órgãos populares de base, as concentrações convocadas para hoje (4.ª feira) e para domingo são essa resposta.

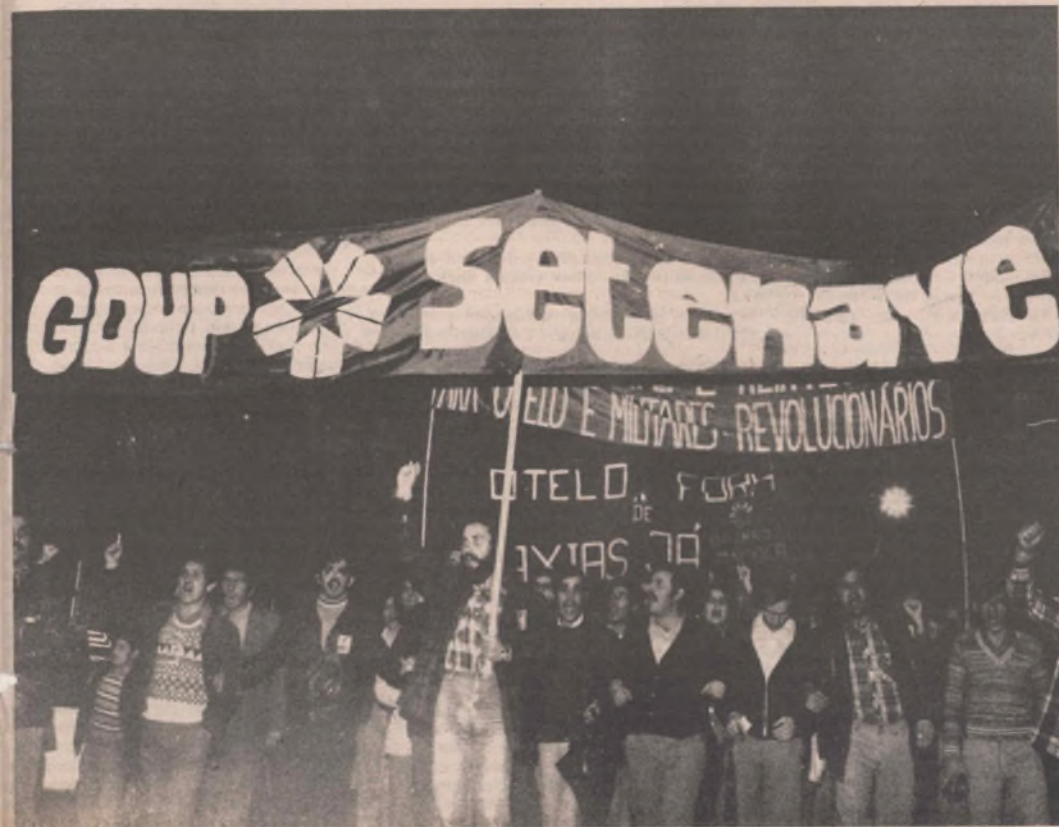
A manifestação de hoje, dia 27, reuniu muitos milhares de pessoas que do Marquês Pombal até ao C.E.M.E. (perto de St.ª Apolónia) gritaram palavras de ordem exigindo a libertação do camarada Otelo «Liberdade total para Otelo» e insurgindo-se contra mais esta manobra do actual poder.

«Contra o fascismo, contra o capital unidade popular», «Viva a Reforma Agrária», «A terra a quem a trabalha» outras das palavras de ordem gritadas mostram que se bem que a luta neste momento seja pela libertação de Otelo, ela insere-se noutra muito mais vasta que é a luta contra o capitalismo e contra o fascismo.

Durante o percurso e no intervalo das palavras de ordem os manifestantes cantaram por várias vezes a «Grândola, Vila Morena».

Ao chegarem ao edifício do C.E.M.E. os manifestantes tiveram a «agradável surpresa» de encontrar, como já vem sendo hábito, as «Forças da Ordem» que cercavam o edifício.

Entretanto foi feita uma tentativa para que Rocha Vieira recebesse uma delegação da C.N.P.U.P., mas aquele militar não se encontrava... o seu adjunto recusou-se a receber a delegação, tendo um G.N.R. vindo informar os manifestantes que esse assunto ficava para outro dia.



e a unidade popular



# Directivas da Comissão Organizadora do Congresso dos GDUP para a eleição dos delegados ao Congresso

1) O Congresso dos GDUP reunirá em Lisboa nos dias 5, 6 e 7 de Novembro e nele participarão como **delegados efectivos** os activistas para tal eleitos pelos GDUP, os membros da CNPUP, os membros da Comissão Organizadora do Congresso, os membros das comissões distritais eleitas e por 3 activistas de cada concelhia ou comissão de zona eleita.

2) A eleição dos delegados deverá ter lugar entre os dias 24 e 29 de Outubro.

3) A composição do Congresso foi estabelecida segundo os seguintes critérios:

— O número de delegados directamente eleitos pelos GDUP deverá ser superior a 2/3 do total.

— Todos os GDUP devem estar representados.

— Favorecer uma representação superior dos GDUP de fábrica, herdade ou aldeia:

— Aplicar a todo o País um critério único, mas reservando um total de 200 mandatos para a correcção de desigualdades regionais.

4) **Número de delegados a eleger.**  
Cada GDUP de fábrica, herdade ou aldeia (este sempre que tenha activistas campóneses) elegerá um delegado por cada 5 activistas.

Os restantes GDUP elegerão um delegado por cada 8 activistas.

Aplicando este critério temos as seguintes tabelas para a determinação do número de mandatos.

**GDUP de fábrica, herdade ou aldeia**

até 7 activistas — 1 delegado  
de 8 a 12 activistas — 2 delegados  
de 13 a 17 activistas — 3 delegados

de 18 a 22 activistas — 4 delegados

de 23 a 27 activistas — 5 delegados

de 28 a 32 activistas — 6 delegados e assim por diante.

**Outros GDUP**

até 11 activistas — 1 delegado  
de 12 a 19 activistas — 2 delegados

de 20 a 27 activistas — 3 delegados

de 28 a 35 activistas — 4 delegados

de 36 a 43 activistas — 5 delegados

de 44 a 55 activistas — 6 delegados e assim por diante.

5) Além dos delegados efectivos, cada GDUP elegerá **suplentes** (metade dos efectivos).

6) Os 3 membros de cada comissão concelhia ou de zona deverão ser também escolhidos (por consenso ou votação) pela respectiva estrutura até ao dia 27 de Outubro.

7) Na eleição dos delegados dos GDUP só podem votar e ser eleitos os activistas que constem do recenseamento já feito.

8) O número de delegados a eleger por cada GDUP é determinado pelo recenseamento, sempre que na assembleia de eleição, estejam presentes mais de metade dos activistas recenseados. Caso estejam metade ou me-

nos, a proporção dos delegados faz-se em relação ao número dos activistas recenseados presentes na assembleia. (Assim um GDUP de fábrica com 30 activistas recenseados elegerá 6 delegados se estiverem presentes pelo menos 16 activistas recenseados. Caso estejam presentes, por exemplo, 13, GDUP elegerá 3 delegados).

9) A fim de corrigir as mais graves desigualdades de representação dos distritos, a comissão organizadora do Congresso poderá distribuir mais 200 mandatos, através da passagem de suplentes a efectivos. Não poderão ser beneficiados por este sistema, os distritos de Lisboa, Porto e Setúbal.

10) **Assembleia para eleição de delegados.**

As assembleias de GDUP para eleição de delegados ao Congresso devem ser convocadas com um **prazo mínimo de 3 dias**. Esta reunião (local e data) deve ser comunicada à estrutura superior (C. Concelhia ou de Zona e Distrital) no próprio dia de convocação.

11) As Comissões Distritais e Concelhias deverão quando possível estar representadas nas assembleias de eleição de delegados ao Congresso, nomeadamente em todos os casos em que haja dúvidas sobre a existência e funcionamento de um GDUP.

12) A eleição dos delegados deve ser feita após discussão das bases programáticas e estatutárias já distri-

buidas aos GDUP e sobre as quais o Congresso vai deliberar.

13) Os delegados eleitos são delegados dos GDUP e por isso poderão ser vinculados a defender determinadas posições no Congresso. O GDUP decidirá sobre esta matéria.

14) A mesa da assembleia do GDUP fará uma acta da reunião no impresso distribuído pela COC, de que constarão o número de activistas recenseados presentes e o resultado da eleição: efectivos e suplentes eleitos e votação completa. Esta acta deverá ser escrita, lida e aprovada na própria assembleia de eleição e assinada por toda a mesa que dirigiu os trabalhos.

15) As Comissões Concelhias (ou de Zona) deverão enviar à COC a acta da reunião em que escolham os seus 3 representantes ao Congresso.

16) Sempre que surjam dúvidas ou conflitos, estes devem ser resolvidos pelas estruturas superiores locais (C. Concelhia ou Distrital) e, caso necessário, pela COC.

17) A COC poderá dirigir regionalmente o processo de eleição de delegados e de preparação do Congresso, desde que tal se torne necessário.

18) No fim do Congresso, os delegados apresentarão um relatório da sua actuação (intervenções e votações) ao respectivo GDUP.

19) **Datas**  
1) Data de eleição de 20 a 29 de Outubro.

2) Data de envio das actas das eleições dos delegados ao Congresso.

a) **Por correio:** devem ser colocados no correio até 27 de Outubro às 12 horas endereçadas à Comissão Organizadora do Congresso — Rua Alexandre Herculano n.º55-Lisboa a em carta registada.

b) As actas que **não forem enviadas por correio** até àquela data deverão ser entregues nas sedes das distritais respectivas, ou nos casos em que não exista, na distrital mais próxima, até ao dia 30 de Outubro.

**NOTA MUITO IMPORTANTE**

Os prazos acima indicados têm a finalidade de permitir à COC executar todos os trabalhos preparatórios do Congresso, só possível de serem realizados, a partir dos dados constantes das respetivas actas. O não cumprimento destas disposições ou a falta de respeito pelos prazos estabelecidos determinarão a anulação da participação do GDUP no Congresso.

**20) CARTÕES DE DELEGADOS AO CONGRESSO.**

Os cartões dos delegados ao Congresso (tanto efectivos como suplentes) serão entregues, à entrada, no 1.º dia do Congresso. Aos distritos de Lisboa e de Setúbal os cartões serão distribuídos no decorrer dos dias 2 e 3 de Novembro na sede das respetivas distritais.

Saudações revolucionárias  
A COC

## BARCELOS

### Ex-patrão põe trabalhadores na rua ilegalmente

### • GNR colabora

A Niltex é uma cooperativa textil surgida em 21 de Julho de 1975, quando a sociedade Araújo e Reis ao tempo exploradores desta empresa, a abandona.

Perante a ameaça do desemprego os 81 trabalhadores entraram em auto-gestão, legalizando-se de seguida em cooperativa.

Neste momento em que o patronato mercê da situação provocada pelo actual poder, levanta a cabeça os trabalhadores da Niltex travam uma luta contra o 1.º patrão da empresa (Cardoso).

O «Revolução» acompanhando sempre a luta dos trabalhadores esteve com um membro da comissão de trabalhadores ouvindo as suas declarações.

**Revolução:** Não sendo este o 1.º ataque do Cardoso à Cooperativa, e tendo sido sempre escoreado pelos trabalhadores, quais foram as condições que possibilitaram este novo ataque?

**Trabalhador:** O Cardoso que em 1970 se entregou aos tribunais por falência aparece agora com um documento passado pelo juiz de Barcelos dizendo que a fábrica lhe pertence. Ora esta fábrica no tempo da anterior gerência pagou cerca de 6 mil contos de dívidas do Cardoso. Por incompatibilidade dos sócios estes abandonam-na. É nessa altura e na iminência do desemprego que nós unidos, formamos esta cooperativa sujeitando-nos a sacrifícios que nem vale a pena descrever. Constantemente ameaçados pelo 1.º dono, nós nunca o tememos e demos-lhe sempre a resposta que ele merecia.

**Revolução:** Como foi então possível que agora esse 1.º patrão

tomasse conta da cooperativa, estando vocês devidamente legalizados?

**Trabalhador:** Está para sair no Diário da República a lei que regulamenta as cooperativas e empresas em auto-gestão. Antecipando-se à publicação da lei, e servindo-se da complicidade do juiz do tribunal de Barcelos, o Cardoso apresenta agora um documento passado pelo tribunal dizendo que é o dono da empresa. Foi assim que apoiado por elementos da GNR e funcionários do tribunal assaltaram as instalações da empresa, às 7h30 da manhã, antes da entrada dos trabalhadores. Mais tarde introduz dentro da fábrica uns vinte e tal lacaiois, todos armados de caçadeiras. Foi assim que disparando vários tiros atingiria uma criança gravemente.

**Revolução:** Sendo vossa a empresa, a quais as formas de luta que ides adoptar para mais uma vez correr com o Cardoso?

**Trabalhador:** Nós continuamos uni-

dos e dispostos a tudo fazemos para mantermos os nossos postos de trabalho, por isso servimos-emos de todos os meios ao nosso alcance para podermos continuar a trabalhar e a desenvolver a empresa, temos o apoio de muitos trabalhadores de Barcelos e temos a força moral de quem nunca explorou ninguém, antes pelo contrário, nós temos previsto aumentar no princípio do próximo ano mais 20 postos de trabalho. Nós sabemos que a luta é nossa e de todos os explorados deste país, e isso mais do que nunca dá-nos força, moral e física para levarmos até ao fim esta luta que é justa, não nos assustando com os lacaiois armados nem com os 44 agentes da GNR que lá estão a guardar aquilo que lhes não pertence.

Nós sabemos que tudo o que está acontecendo é o reflexo de todas as medidas anti-operárias que o Governo PS tem tomado, dando toda a facilidade aos fascistas para se movimentarem. É preciso que todos os explorados deste país, tomem consciência que só a união de todos os trabalhadores impedirá que o fascismo se implante novamente em Portugal.



## AVEIRO E COIMBRA

## SAPATEIROS

— os trabalhadores em luta de vida ou de morte  
contra o patronato

Os trabalhadores da Indústria de calçado, malas e afins dos distritos de Aveiro e Coimbra estão em luta contra o patronato. A greve, que vai no seu segundo dia, havia sido decidida num grandioso plenário realizado no passado dia 21.

Nestes dois distritos, os de maior concentração operária deste ramo de actividades com cerca de 13 000 operários, 90 por cento destes trabalhadores aderiram à greve.

As causas desta luta resumem-se: 1.º deminuição de leque salarial por parte dos trabalhadores, ou seja pela não diferenciação de ordenados entre homens e mulheres; operários e pré-operários ou aprendizes. Os patrões pretendem uma enorme divisão nas tabelas salariais afim de concretizar o esquema classico do capitalismo, ou seja tornar desse modo, frágil a unidade e a organização da classe operária 2.º Subsídio de Natal.

3.º vigência dos novos salários a partir de 1 de Agosto e não a partir de 1 de Janeiro tal como pretendem os capitalistas.

O sindicato do Porto não veio a aderir à greve defendendo a direcção deste sindicato, em assembleia que os trabalhadores aprovaram a aceitação das propostas do patronato e a negociação com o governo. Os seus camaradas de classe das outras zonas em luta perguntarão que manobras partidárias foram feitas na Assembleia do Sindicato do Porto? Porque aceitou este sindicato as propostas dos patrões e o entendimento com o governo P.S.? A que partidos ou partido se subordina a direcção desse sindicato?

No entanto, os trabalhadores do distrito de Aveiro, não embarcaram em quais quer manobras partidárias traidoras à causa da classe operária. Assim os trabalhadores deste distrito deliberaram que a direcção do seu sindicato e delegados sindicais, só responderiam pelo que ficasse decidido em plenários que se vão realizando diariamente. Assim como ficou deliberada a vigilância dura e regida às manobras do patronato e caciques através da constituição de piquetes operários na zona.

Como é habitual a organização repressiva da GNR não demorou muito a vir agora lado a lado com a acção terrorista dos caciques do P.S.D. e do C.D.S. que armados de caçadeiras, provocando reencontros, fazendo feridos querem fazer recuar a luta dos trabalhadores na zona de Cortegaça, Escapães, Fiães, Vila da Feira, Oliveira de Azeméis e S. João da Madeira. Para os trabalhadores de calçado já é velha e com barbas esta «acção generosa» da GNR na defesa dos patrões.

Por isso os trabalhadores deverão estar conscientes que só têm que contar com a sua força revolucionária, traduzida na Unidade e organização de classe para quem com a violência revolucionária dos trabalhadores se vence o Terrorismo dos patrões. Não devem, os trabalhadores esquecer também que as suas reivindicações económicas e políticas só se obtêm plenamente com a tomada do poder pelos trabalhadores, com a Revolução Socialista. A luta dos trabalhadores de calçado continua.

## VIANA DO CASTELO

## CELNORTE —

Paralisação  
para exigir  
o cumprimento

do "Regulamento  
Contratual Interno"

Os operários da Celnorte decidiram reduzir gradualmente a produção para 50 toneladas de papel, ao mesmo tempo que paralizaram uma hora diariamente. Esta forma de luta, decidida em plenário de fábrica, é utilizada com vista a obrigar o patronato a cumprir a aplicação integral «DO REGULAMENTO CONTRATUAL INTERNO» diariamente os trabalhadores na fábrica utilizarão a paralisação, numa hora para discutirem os problemas gerais do sector e procurar novas formas de luta.

Deliberaram também os operários divulgar a sua luta por todos os meios informando assim todos os trabalhadores do País e deste sector de indústria para a deminuição de 40 horas de laboração. O actual horário fabril é de 42 horas.

## LEÇA DA PALMEIRA

## O sr. Director Cavalheiro

## ao entrar na fábrica

## bateu com as ventas no portão

GRAM-COMPAGNIE ROYAL ASTURIENNE DES MINES, em Leça da Palmeira, é uma das muitas pedras de xadrez do capital estrangeiro neste País hipotecado ao imperialismo. Nesta fábrica os 100 operários que nela trabalham, travam uma luta de expressão política pelo afastamento definitivo do eng.º Cavalheiro, cão de guarda do capital francês naquele local de trabalho.

Em tempos, a C. T. via-se obrigada a actuar na «clandestinidade» porque a fábrica se assemelhava a um autêntico «campo de concentração nazi». Para um operário ir à casa de banho teria que registar a sua frequência e o tempo que lá permanecia no «livro da casa de banho», ou então a proibição expressa de fumar no interior da fábrica, paralisação temporária do trabalho, a ameaça de despedimentos colectivos assim como a exploração salarial de que eram vítimas. Os operários iam sentindo na sua pele no dia a dia. O grau de consciência de

classe foi aumentando em todos os trabalhadores que laboram na referida multinacional através da C. T. que interpreta a forte unidade e organização da luta. A mesma promove consequentes plenários dos quais saíram as decisões de greve pela não entrada do sr. director e administrador Cavalheiro.

Os operários unidos e conscientes da sua actual organização nada temem do Cavalheiro fascista que agora, se pretender entrar na fábrica «bate com o nariz no portão», tal como já lhe aconteceu recentemente.



A luta dos trabalhadores agudiza-se, de dia para dia. Contra o patronato reaccionário, contra as medidas antioperárias do Governo.

## BRAGA

Contra a violência do capital,  
operários vencem o patrão

Em Braga, na empresa metalúrgica J. Batista da Silva e Irmão, o patrão experimentou agredir um delegado sindical por este afixar um comunicado que convocava todos os operários para um reunião. A mesma devia-se realizar depois da hora de trabalho. Um operário que viria a ocorrer em defesa do seu camarada, era então «castigado» com a desesperada agressão do filho do capitalista! Este segundo operário, foi suspenso do trabalho o que originou que todos os trabalhadores da mesma fábrica, em solidariedade, paralisassem o trabalho. Esta forma de luta resultou, com organização e determinante unidade, numa vitória para os trabalhadores desta fábrica, que assim evitaram que os seus camaradas de trabalho fossem despedidos.

## dos trabalhadores

# GADOR

## — a luta continua

As 180 trabalhadoras da GADOR, sector têxtil estão de novo em luta pelo direito ao trabalho e ao salário correspondente, pois há dois anos a esta parte, que os salários, nem sequer os do C.C.T., são pagos.

Já no dia 7 de Julho — este ano, as trabalhadoras da GADOR entregaram ao ministro Walter Rosa através do conselho de trabalhadores o pedido de aplicação do Decreto-Lei n.º 4/76 pois a firma encontra-se tecnicamente falida (em quatro anos, o patronato endividou a firma em mais de 20 000 contos), mas o «sr.» ministro do Governo dito «socialista» já lá vão mais de 3 meses e ainda nem sequer deu uma resposta ao pedido dos trabalhadores, para quem, cada dia que passa a fome aumenta. Já fizeram duas reuniões em Lisboa no Ministério da Indústria, mas nada.

No passado dia 12 de Outubro os trabalhadores reunidos em plenário decidiram paralisar o trabalho, até ao pagamento integral de 50 por cento de Julho (que ainda falta receber) e o mês de Agosto todo.

Embora ainda esteja por receber também o mês de Setembro e metade do subsídio de férias e só de retroactivos dos salários do C. C. T. que não são cumpridos, já passam os 2000 contos, os trabalhadores para já exigem para retomarem o trabalho o resto de Julho e o mês de Agosto.

Entretanto no plenário de dia 13, foi aprovada uma moção, por maioria com duas abstenções apenas, dirigida ao Presidente da República, Primeiro-Ministro, ministro do Trabalho, ministro da Indústria e Tecnologia, Conselho da Revolução, Assembleia da República, Secretária de Estado de Emprego e Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas Industriais, a qual passamos a transcrever na íntegra:

### MOÇÃO

T... «Os 180 trabalhadores da GADOR-Importação e Exportação, Ld., com sede na R. Luis Cruz, 236-Porto, alertam as entidades competentes deste País e opinião pública em geral, para o seguinte:

«Já lá vão dois anos, que os trabalhadores lutam pelo direito ao trabalho e ao salário correspondente.

«Desde estes dois anos que os trabalhadores não sabem o que é receber os seus devidos salários nos períodos de pagamento, salvo a excepção de duas ou três vezes que receberam as quinquenais mais ou menos no dia do pagamento e seguindo-se os mensalistas da mesma maneira.

«Sim. É verdade que estes trabalhadores vêm os seus postos de trabalho cada vez menos seguros.

«Também é verdade que muitos deles já têm que recorrer às famílias, vizinhos e amigos, a pedir dinheiro emprestado para comprar pão para os filhos e para transportes, para vender a força do seu trabalho.

«É verdade que estes trabalhadores também já alertaram as entidades competentes deste País com o devido processo dirigido ao ministro do Trabalho, ministro da Indústria e Tecnologia e Secretária de Estado de Emprego no dia 7/7/76 e para aplicação do Decreto-Lei n.º 4/76, mas até agora não se fez nada por estes trabalhado-

res que vêm a sua miséria aumentar dia a dia.

«Também é verdade que enquanto houver senhores deste País, que aquando das medidas de austeridade, só permitiam 15 000\$00 por casal, para irem passar as férias ao estrangeiro e ainda se sentirem descontentes.

«Como ficaram estes trabalhadores que só receberam 50 por cento do subsídio de férias e 10 por cento do salário de correspondente ao mês de trabalho para gozarem as suas férias?

«Estamos a meio do mês de Outubro e ainda nem sequer recebemos o mês de Julho todo pois só recebemos metade, até à data de hoje.

«Os trabalhadores da GADOR, reunidos em plenário exigem às entidades competentes deste País resolução desta situação, pois que cada dia que passa, a miséria aumenta.»

### PALAVRAS DE UM MEMBRO DO CONSELHO DE TRABALHADORES

«Embora esta moção, já tivesse sido enviada, a luta não parou aqui. Através do Conselho de Trabalhadores já se efectuaram duas reuniões no Ministério do Trabalho, com a presença dos sindicatos, do delegado do Ministério e da entidade patronal e já se conseguiu «tirar» aos patrões 140 contos que foram distribuídos proporcionalmente por todos os trabalhadores o que deu para 70 por cento dos salários em atraso de Julho ou seja da segunda metade de Julho.

«Embora se tivesse recebido este dinheiro, estão decididos a continuar a sua luta até serem liquidados pelo menos os salários referentes ao mês de Agosto e ao resto de Julho.

A paralisação é justa. Só retomaremos o trabalho quando estiverem satisfeitas as nossas justas reivindicações.

Cheios de promessas enganadoras e frustradas e para avançarem com a sua justa luta os trabalhadores decidiram levar a cabo, no dia 20 uma concentração frente à delegação do Ministério do Trabalho no Porto, onde uma delegação do Conselho de Trabalhadores da firma exigiu uma audiência para insistir na sua resolução de declaração de falência técnica da firma e aplicação do Decreto-Lei 4/76.

A argumentação da entidade patronal que afirma não ter dinheiro, os trabalhadores contrapõem a evidente falta de capacidade de gestão dos pa-



De norte a sul do país os trabalhadores dos têxteis mobilizam-se contra o patronato, na luta por melhores condições de vida, pelo direito ao trabalho

trões.

Facto que também já é habitual é a manifesta falta de capacidade de competência do delegado do Ministério do Trabalho para solucionar o conflito de trabalho (idêntico) a este tentando encetar manobras desmobilizadoras enviando o problema e os trabalhadores para outros gabinetes o que representa para outros tantos becos sem saída.

Como é evidente as formas de «negociação» pretendidas pelos actuais senhores do Poder não dão o efeito desejado, já que a conciliação entre «empresendedores» e trabalhadores não deixa de resolver o problema da necessidade de extinção da explo-

ração de uma maioria — o povo trabalhador, por uma minoria — os capitalistas.

Mas o espírito de luta e consciência de classe dos trabalhadores da GADOR leva-os a criar novas formas de resolução dos seus problemas. Como reflexo disso é a resolução de fazerem circular por C. T.'s e C. M.'s, G.D.U.P.'s e partidos políticos de esquerda abaixo assinados onde se apela à solidariedade da classe para que pelo menos os trabalhadores da GADOR possam ter que comer para continuarem a lutar para fazer valer os seus direitos.

Em frente com o apoio militante à GADOR.

### BRAGA

## MACONDE

— os patrões ensaiam os decretos de Mário Soares e C.ª

Os seiscentos trabalhadores das «Confecções Maconde Lda.», em Braga, premanecem ainda em conflito com a entidade patronal. Tudo teria começado pela proibição de um plenário para a discussão do Congresso dos Sindicatos. O capital não desamou, mas os trabalhadores muito menos.

Assim, os patrões desencadearam a sua resposta como classe exploradora, surgiu então o lock-out e o corte de energia eléctrica afim de paralisarem a fábrica. Os dirigentes sindicais juntamente com um delegado do M.T. fizeram recuar um pouco a gerência que agora «adoptou uma nova forma de luta», paralisando a empresa um dia ou baixando a produção no outro. Os patrões que agora reparam que essa «medida» não basta contra a força da classe operária, pagaram a lacaiois seus dentro da fábrica, os

quais provocam diariamente actos de violência, afim de lançar a divisão no seio dos trabalhadores, tentando a gerência despedir já um dos delegados sindicais.

É bem evidente que o patronato tem sabido bem aproveitar os ensinamentos da política capitalista do M. Soares e Ca., cada vez menos formosa e muito menos segura no poder. Alerta trabalhadores da Maconde, os vossos patrões têm a mesma cartilha que os capitalistas da Têxtil Manuel Gonçalves.

# MINAS

## "...os retornados não deixavam a gente descansar"

Mais um caso flagrante da exploração capitalista internacional que divide os trabalhadores para reinar.

As minas da Panasqueira são o maior empreendimento mineiro do País, sendo este, explorado pela firma Beral-Tin-Wolfram (Portugal) S.A.R.L. Esta firma tem como accionista a multinacional Open-Heimen, sendo a maior parte das acções de pertença sul-americana e do Banco de Portugal, mas este com uma percentagem pequena.

O minério dela extraído é o volfrâmio, que é aplicado no endurecimento do aço com que se fabricam armas.

O mercado foi bom não só no tempo das guerras mundiais mas também na guerra colonial portuguesa e na do Vietname.

Entretanto a mão-d-obra portuguesa sobe, e como nem todo os trabalhadores portugueses se sujeitam às péssimas condições laborais que aí existem, a firma responsável para continuar com os chorudos lucros decide ir a Cabo Verde comprar mão-de-obra.

Quando chegamos à estrada militar de S. Margarida, encontramos alguns cabo-verdianos aos quais perguntamos se tinham vindo das minas o que eles confirmaram. Ao tentarmos abordar os problemas que lá se tinham passado, a reacção geral foi entreolharem-se e de seguida disseram-nos que não achavam bem responder ali as perguntas e dizendo-nos para irmos lá acima ao campo militar que lá é que os colegas podiam dizer qualquer coisa.

Insistimos mais uma vez tentando explicar que não havia mal nenhum em eles nos esclarecerem, mas como, tornaram a recusar decidimos ir ao campo militar. Chegados à primeira cancela abordamos o oficial de dia expondo-lhe o problema. Como resposta disse-nos que havia ordens superiores da 5.ª divisão dizendo que era expressamente proibido o contacto entre os cabo-verdianos e qualquer órgão de informação. Só podiam ser contactados pela família, ou seja, os lesados que ficaram sem o pouco que tinham em suas casas e sem trabalho fundamental para a sua subsistência não têm direito de explicar o que se passou e o que os pôs nesta situação. Portanto as ordens do actual dito Governo pluralista, que assegura a liberdade em segurança é nos cabo-verdianos contactos com o exterior.

Quando regressamos, um soldado adiantou-nos que tinham saído para fazer compras.

Não contentes com os resultados obtidos e desconfiando cada vez mais das notícias que os actuais órgãos de informação (os ditos apartidários

e pluralistas que o senhor Manuel Alegre tanto defende muito naturalmente com o objectivo de se candidatar ao novo Governo formado na sombra) decidimos bater a zona tentando encontrar alguns cabo-verdianos dispostos a contar-nos a verdade. E assim fomos encontrar alguns num café da zona, que estavam bebendo e conversando entre si.

**Rev.** — Quantas vítimas ouviu nos acontecimentos ocorridos nas minas?

**C.V.** — Dois mortos e onze feridos.

**Rev.** — Onde estão os vossos camaradas feridos?

**C.V.** — Ficaram no Hospital da Covilhã.

**Rev.** — Quantos são vocês ao todo?

**C.V.** — Parece que somos 140.

**Rev.** — Achem que as minas ficaram favorecidas ou desfavorecidas?

**C.V.** — A mina ficou desfavorecida.

**Rev.** — Porquê?

**C.V.** — Porque nós trabalhávamos bem. Bem ou melhor que os outros.

**Rev.** — Vocês ficaram magoados com os brancos?

**C.V.** — Não. Lá tínhamos muitos amigos da gente.

**Rev.** — Qual é a vossa situação actual. Estão bem instalados, não têm problemas?

**C.V.** — Aqui estamos bem, por acaso, o superior ali está a tratar bem a gente por acaso.

**Rev.** — Vocês acham que têm possibilidades de tornar a arranjar emprego?

**C.V.** — Achamos que sim, pois o superior diz a gente que o nosso embaixador está a tratar disso com o



«... quando um emigrante chega para trabalhar, encontra uma cultura diferente e toda uma série de medidas discriminatórias que existem realmente e sempre existiram em empresas que contratam emigrantes»

Governo.

**Rev.** — Qual o ambiente que lá havia a vossa volta?

**C.V.** — O nosso ambiente de lá é trabalhar.

**Rev.** — Não havia aversões em relação a vocês?

**C.V.** — Muitos tratam mal a gente mas nem todos. Os retornados não deixavam a gente descansar. Nós eramos os pretos.

**Rev.** — Vocês viviam lá separados ou em conjunto com os outros?

**C.V.** — Tínhamos quartos sozinhos. Não estava junto com branco, porque disseram que o preto não podia estar junto com branco.

**Rev.** — Vocês tinham divertimentos quando acabavam o trabalhador?

**C.V.** — Era merenda e dormir.

**Rev.** — Mas há nas minas um clube para os trabalhadores se divertirem onde podem jogar e ver filmes.

**C.V.** — Tinha um clube mas a gente não tinha direito daquilo.

**Rev.** — Não vos deixavam entrar era?

**C.V.** — Deixavam entrar mas não era de acordo com tudo.

**Rev.** — Que filmes é que lá passavam?

**C.V.** — De cow-boys e homens com mulheres.

**Rev.** — Uma das coisas que se diz é que o jogo foi uma das origens de tudo...

**C.V.** — Não senhor é mentira. Eles nos queriam tirar de lá há muito. Dizem que não é racial mas a gente sabe.

**Rev.** — Vocês faziam o mesmo trabalho que todos os outros?

**C.V.** — Nós até fazíamos melhor, mas havia o seguinte: Nós fazíamos mesmo trabalho que o branco mas o branco apanhava aquele lugar que nós não conseguia.

**Rev.** — Portanto enquanto o branco podia subir de categoria vocês não.

**C.V.** — A gente ficava sempre mais abaixo do branco.

Entretanto declarações prestadas por Renato Cardoso director-geral dos assuntos políticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros da República de Cabo Verde apuramos que este tinha vindo a Portugal para tentar resolver o problema, pois tinha repercussões a nível de toda a comunidade cabo-verdiana.

Dessas declarações registámos as seguintes: «Quando um incidente deste género ocorre não afecta unicamente a vida privada de pessoas nele directamente envolvidas mas também, conforme o tratamento que lhe for dado, poderá vir a ter repercussões sociais e políticas muito mais importantes — achamos que era de vir alguém colaborar com a embaixada, para es-

tudar a fundo a questão e propôr formas de resolução imediata.»

«... Concluiu-se que era necessário fazer uma individualização dos casos, porque embora tenham sido considerados colectivamente, são muito diferentes entre si.»

«Racismo por racismo é talvez uma coisa difícil de encontrar. Mas a realidade é que, quando um emigrante chega para trabalhar, encontra uma cultura diferente e toda uma série de medidas discriminatórias que existem realmente e sempre existiram em empresas que contratam emigrantes. Em termos de actuação quotidiana surgem sempre pequenas provocações e pequenos desentendimentos, mas a organização de toda uma massa de trabalhadores para agredirem outros trabalhadores, seguindo o critério da nacionalidade e da cor terá sido uma atitude que objectivamente poderemos considerar bastante racista. Importa entender bem essa atitude e estudá-la para prevenir a repetição de casos como este; saber qual é a forma de actuação das empresas e dos grupos de trabalhadores; quais os seus direitos e regalias; e quais as pequenas provocações e tensões que se registam para os evitar, e, desse modo, não permitir que toda uma colectividade acabe por se permitir culpabilizar outros a partir de critérios de nação e de cor. E foi isto que aconteceu na Panasqueira.»

Analisando toda esta série de informações que conseguimos apurar, podemos chegar às seguintes conclusões:

É necessário que os trabalhadores da Panasqueira percebam que todos os que ali trabalham são explorados, e que ao movimentarem-se para expulsar os trabalhadores cabo-verdianos, estavam a ser manipulados (foram-no durante muitos anos para chegar a isto...) e que ao escorraçarem os trabalhadores negros estavam a fazê-lo a gente que é tão explorada como eles.

É o próprio capital que fomenta o racismo, é o capital que neste momento esfrega as mãos de contente. Também não queremos deixar de chamar a atenção para uma frase de um camarada cabo-verdiano «os retornados não deixavam a gente descansar»...

Para o Governo a resolução deste problema, está em isolar os cabo-verdianos metendo-os numa base aérea esperando... Até quando?

Não fim uma pergunta fica no ar: Será que não existe nenhuma organização revolucionária de trabalhadores das minas da Panasqueira capaz de ir ao fundo dos problemas e resolvê-los?



Esta a entrada para Sta. Margarida que separa os cabo-verdianos do resto do mundo...

# Revolução

Composição e impressão: Renascença Gráfica. Distribuidora: Editorial 18 de Janeiro, ... Lisboa

**EDITORIAL**

## O PCP e as suas alianças

Tempos houve em que o PCP provocou confrontações entre militantes do PC e do PS; depois veio o esquecimento e a tentativa de colagem ao PS; agora, Octávio Pato acaba de acenar ao PSD (PPD) a possibilidade de estar com ele no mesmo Governo.

### PC EM BUSCA DE UM LUGAR AO SOL

Dantes, para ocupar os lugares que lhe faltavam no aparelho de Estado, agora para mendigar alguns, a estratégia do Reformismo revisionista segue de tração em tração às suas próprias bases, com a frieza de quem sabe que tentar escalar a estrutura do Poder burguês por dentro (contestando as personagens dessa estrutura e não ela própria) é um bom método para alcançar o almejado, para ele, e actualmente impossível, para nós, capitalismo de Estado. As variações táticas na linha desta estratégia, produzem-se sempre acompanhadas de consequências drásticas para o proletariado, cujos interesses servem para este partido como moeda de troca para mais um lugarzinho ao sol podre deste poder.

Octávio Pato, na entrevista que ofereceu ao «Diário de Lisboa» —, considera que «um governo verdadeiramente representativo, tem de ser um governo que corresponda ao sentido das eleições para a Assembleia da República». Pelo que se deduz, com base no resultado das eleições burguesas o «partido dos trabalhadores» acharia muito melhor um governo que por cada dez PSs, teria sete PPDs e quatro CDSs, mas que teria também, três PCs; este sim, seria «representativo e merecia a confiança dos trabalhadores».

É que o PC ainda não perdeu as esperanças da «maioria de esquerda» para o que qualquer votação na Assembleia da República em que coincidam do mesmo lado os votos do PC e do PS serve de novo alento, logo estampado nos órgãos de Imprensa oficial, oficiosa e paralela desse partido.

### EANES — UM CASO A CONSIDERAR?

Perante o cada vez mais cerrado ataque das forças fascistas e fascistóides, o PC parece ver uma hipótese de «agarrar» o PS. Para isso, aproveitando o facto do PPD e CDS se demarcarem do Presidente da República, passa da contensão da crítica para um mal disfarçado elogio a Eanes que «se mantém numa linha de coerência e de respeito pelo cumprimento da Constituição».

Quando Ramalho Eanes se vir abandonado pelas forças que se serviram dele, aí estará o PC para amparar e amparar-se nele. E, então, rezar para que o PS também não abandone o «seu» Presidente e se renda à evidência da «maioria de esquerda com Eanes».

### PPD — UM CASO A CONSIDERAR...

Aí poderia entrar o PPD também, porque «não é uma força homogénea», porque no PPD há homens que «desejariam, na verdade, que a democracia portuguesa se consolidasse», porque era um factor de estabilização...

A este sonho de partilha de poder com quem o deseja na totalidade já respondeu Sá Carneiro que diz estar farto de boas intenções, que quer ver actos. E os actos que quer ver no PC são o abandono do que ainda lhe resta de comum com os trabalhadores deste País. Mas todo este tempo em que o PC foi pródigo em nos mostrar a sua capacidade de tração, retiram-nos qualquer hipótese de surpresa quanto ao que irá passar-se. A mão está estendida, o preço irá ser regateado e o PC não se escusará de modo nenhum a que os trabalhadores o paguem se isso lhe convier.

A prisão de Otelo resulta incompreensível considerando o que ela constitui uma oportunidade oferecida aos revolucionários para demonstrar a sua força e a adesão massiva à figura de Otelo. Mas para quem faça um esforço para se meter no papel dos que estão do outro lado da barricada percebe que as forças militares de direita determinaram esta prisão no sentido de aterrorizar a esquerda, no sentido de fazerem sentir o seu poder. Por outro lado, os moderados do Conselho da Revolução, os «nove», na linha das suas actuações habituais tiveram de demonstrar que tanto são capazes de atingir os capitães fascistas reunidos na Malveira como de antigir as forças de esquerda. É uma satisfação que têm que dar à extrema-direita... Claro que, se continuarem por este caminho talvez acabem por dar a satisfação de serem eles próprios, os «nove» e todos os moderados, enjaulados...

Esta prisão serve também de teste para avaliarmos das várias posições e das várias traições. É um teste para que os militantes de base do PC avaliem a tração da Direcção do seu partido:

— Na verdade este partido não só não fez qualquer protesto contra a prisão de Otelo, como deu todas as oportunidades para que fosse ainda mais escandalosa a sua tração. É assim que o seu jornal oficioso, o «O Diário», nada publicou além do comunicado oficial. E na Assembleia da República o PC emparceirou com o CDS em relação à moção de protesto contra a prisão de Otelo, ambos os partidos utilizando os argumentos retirados do nariz pelo deputado do PS José Luis Nunes — distinção entre os vários poderes, executivo, legislativo, etc... enfim, o paleio da burguesia.

Mas não foi só isto. As direcções sindicais ligadas à Inter nem sequer aceitaram para discussão, no domingo 24, uma moção de protesto pela prisão de Otelo, apresentada por treze sindicatos. Mais uma vez estas direcções mostraram quanto estão desligados da base e quanto são sectárias.

Enfim, quanto são traidoras dos interesses dos trabalhadores.

A prisão de Otelo serve para unir os revolucionários e para desmascarar aqueles que estão destinados a trair os trabalhadores.

Há pois que prosseguir neste momento com a alternativa orgânica que se nos apresenta, o Movimento de Unidade Popular, e com um dos seus aspectos particulares que são os GDUP. Estes têm à sua frente a realização do Congresso, para o qual há a cumprir um programa: a discussão das várias alternativas táticas e programáticas para a situação actual; o intercâmbio e a discussão das teses feitas pelos GDUP; a discussão dum programa que possa ser um programa identificado com a figura de Otelo, pois que é a este homem-programa que aderiram 800 000 pessoas. E é interpretando o sentir dos GDUP e as suas conclusões, que têm que ser eleitos os delegados ao Congresso. E poderemos dizer que, apesar de todos os erros e deficiências dos GDUP, eles envolvem mais activistas (recenseados) por todo o País do que a CDE no seu apogeu, ou qualquer dos «grandes» partidos actuais. O que quer dizer que são uma força organizada considerável.

No entanto ficam muito aquém do que poderiam ser, dados os erros praticados pelo menos por uma parte dos seus membros. Um desses erros é o sectarismo, que afastou milhares de pessoas. Sectarismo esse, que, a repercutir-se nas eleições para as autarquias, pode dificultar extremamente essa luta.

Tem que ser pois num espírito totalmente despidido desse sectarismo que tem que ser procurada a organização revolucionária e unitária que corresponderá à necessidade sentida pelos trabalhadores. E que corresponderá à necessidade imposta por uma direita que avança cada vez mais organizada, tão organizada que já prendeu em Caxias o 25 de Abril.

